

O CICLO PARADOXAL DE APAGAMENTO E SUPER-SEXUALIZAÇÃO DA BISSEXUALIDADE NOS MOVIMENTOS LGBT: RESISTÊNCIAS EM NARRATIVAS DE ATIVISTAS BISSEXUAIS

Elizabeth Sara Lewis

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), elizabeth.lewis@unirio.br

Resumo

As pessoas bissexuais frequentemente são pouco aceitas nos movimentos LGBT, apesar de serem teoricamente incluídas pela letra “B” na sigla. A bissexualidade é tratada como “só uma fase” antes de se assumir heterossexual ou homossexual e as pessoas bissexuais devem lidar com preconceitos de supostamente serem promíscuas e desconfiáveis. A presente pesquisa, que imbrica Antropologia, Linguística Aplicada, Linguística *Queer* e Análise das Narrativas, analisa as construções identitárias performativas e discursos de resistência de ativistas LGBT que se identificam como mulheres bissexuais, focando em suas narrativas sobre o processo de sair do armário e sobre estereótipos, discriminações e preconceitos bifóbicos que experimentaram na sua militância no movimento LGBT. Os dados foram gerados em entrevistas individuais com três mulheres bissexuais que participam de um grupo de ativismo LGBT no Rio de Janeiro, no qual um campo etnográfico de 22 meses foi realizado entre 2010-2012. Na análise das narrativas das ativistas, veremos como, para serem aceitas, devem provar que suas performances identitárias bissexuais não são “só uma fase” (assim reforçando a ideia de identidades fixas/estáveis), e como devem construir performances de não-promiscuidade (assim reforçando a monogamia como norma). Identificamos a existência de um ciclo vicioso e paradoxal de apagamento e super-sexualização da bissexualidade: ao insistir que sempre sentiram desejo por homens e mulheres para combater o apagamento da bissexualidade, as ativistas são acusadas de serem promíscuas; para combater esse estereótipo super-sexualizante, insistem que são capazes de ser monogâmicas; ao insistir que são monogâmicas, são classificadas como lésbicas ou heterossexuais, apagando novamente a bissexualidade.

Palavras-chave: mulheres bissexuais, performances narrativas, resistências discursivas, invisibilização, movimento LGBT.

Introdução

Mulher bissexual “tá em cima do muro”, “não sabe o que que é”, “não se decidiu ainda”, “tem que ser ou lésbica ou hétero”. É “safadinha”, “vadia”, “promíscua”, “quer ficar com todo mundo”, “gosta de sacanagem”, “tem que ter uma mulher e um homem pra ela ser feliz, se não, ela vai estar insatisfeita”. Esses são alguns dos estereótipos sobre a bissexualidade mencionados pelas três ativistas bissexuais de um grupo LGBT do Rio de Janeiro com o qual realizei um trabalho de campo etnográfico e estudo de Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006) e Linguística *Queer* (LIVIA e HALL, 1997; BORBA, 2015) durante minha pesquisa de mestrado, entre 2010 e 2012. Os primeiros estereótipos na lista fazem parte da prática de apagamento da bissexualidade, enquanto os últimos são exemplos de uma prática que chamo de super-sexualização. Tais estereótipos tendem a invisibilizar, deslegitimar e/ou estigmatizar as performances identitárias bissexuais, reforçando o binário heterossexual/homossexual e marginalizando os/as ativistas bissexuais dentro do movimento LGBT. Adicionalmente, a bissexualidade tende a ser invisibilizada

no âmbito da pesquisa acadêmica, mesmo nos Estudos *Queer*. Quando não totalmente esquecida, é geralmente mencionada como parte de uma lista (“gays, lésbicas, bissexuais...”), mas não problematizada profundamente (BAKER, 2008; ANGELIDES, 2001). Isso reforça o binário heterossexual/homossexual que a Teoria *Queer* (BUTLER, [1990] 2003; SEDGWICK, 1990; LOURO, 2004), que procura desconstruir e desnaturalizar binários normatizantes, supostamente quer desestabilizar. É nesse contexto de dupla invisibilização acadêmica e no ativismo que o presente trabalho se insere: visa a combater essa invisibilização da bissexualidade nesses dois âmbitos através de um estudo das narrativas de três ativistas bissexuais sobre o processo de sair do armário e sobre experiências de preconceito dentro do movimento LGBT.

A presente pesquisa tem como ponto de partida duas ideias inter-relacionadas: primeiro, a visão da Teoria *Queer* de que as identidades não são expressões de alguma essência fixa interna, mas são dinâmicas e coconstruídas discursivo-performativamente na linguagem e nas interações e, segundo, a perspectiva de que as categorias da sexualidade que usamos (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade etc.) não são fatos naturais, mas são sócio-histórico-culturalmente construídas. Consoante Butler ([1990] 2003, 1993), as identidades de gênero e sexualidade não são expressões de alguma propriedade essencial do corpo ou da mente; são constituídas no decorrer do tempo através de o que uma pessoa faz e diz repetidamente e, assim, assumem uma aparência de “naturalidade”. Podemos dizer que o gênero e a sexualidade são performativos: produzem o que nomeiam. Porém, estas performances discursivas repetidas são limitadas dentro de um sistema de restrições sociais. Esse sistema é a matriz heteronormativa, que exige que o sexo e o gênero de uma pessoa se alinhem e que essa pessoa sinta desejo sexual e afetividade por pessoas do sexo/gênero “oposto” e pela qual são marginalizadas as pessoas que não se alinhem dessa maneira. Porém, dentro do movimento LGBT frequentemente funciona outro sistema de restrições sociais: uma matriz homonormativa que exige que as pessoas expressem desejo sexual e afetividade por pessoas do “mesmo” gênero e marginaliza aquelas que não se encaixem nesse perfil. Destarte, o binário heterossexual/homossexual é reforçado e as pessoas que se identificam como bissexuais são excluídas.

As narrativas das ativistas bissexuais foram escolhidas como o foco da presente pesquisa pois, além de serem boas fontes para a análise de construções identitárias discursivo-performativas (LIANG, 1997; WOOD, 1997; MORRISH e SAUNTON, 2007), narrativas são momentos de articulação de posições ideológicas. Nas suas narrativas, as ativistas podem expor preconceitos, normas, relações de poder e sistemas de opressão nos quais são marginalizadas certas performances

identitárias e práticas sexuais. Também negociam a inclusão social na categoria “bissexual” e se legitimam como membros válidos do movimento LGBT.

Como mencionei anteriormente, esta pesquisa foi realizada como parte da minha dissertação, defendida em 2012. No presente trabalho, aproveito para fazer uma releitura da dissertação agora, cinco anos depois, e sublinhar algo no qual não insisti suficientemente em 2012. Na época, identifiquei e critiquei o apagamento e a super-sexualização das identidades bissexuais, mas não insisti tanto na relação entre esses dois fenômenos. Atualmente, vejo o que chamo de um “ciclo vicioso e paradoxal de apagamento e super-sexualização da bissexualidade”. O ciclo começa com o apagamento da bissexualidade (“não existe”, “é só uma fase”), seguido por resistência discursiva ao apagamento da parte das ativistas bissexuais, geralmente sob a forma de insistir em sempre ter sentido desejo por meninos e meninas desde a infância. Em resposta à insistência em sempre sentir desejo por “ambos” gêneros, as ativistas bissexuais sofrem discursos preconceituosos que as super-sexualizam (“pessoas bissexuais são promíscuas”, “sempre precisam de homens e mulheres para serem satisfeitas sexualmente”). Para resistir a essa super-sexualização, as ativistas geralmente insistem na capacidade de ter relacionamentos monogâmicos. Isso, por sua vez, resulta novamente no apagamento da bissexualidade, pois outros/as ativistas tendem a classificar as ativistas bissexuais como lésbicas ou heterossexuais com base no gênero do/a parceiro/a no relacionamento.

Metodologia

A presente pesquisa envolveu a realização de um trabalho de campo de 22 meses, entre 2010 e 2012, em um grupo de ativismo e conscientização LGBT no centro do Rio de Janeiro. Durante o trabalho de campo, participei das atividades do grupo, particularmente das reuniões semanais de um subgrupo voltado para lésbicas e mulheres bissexuais, e também de conversas informais no prédio onde o grupo se reunia, atividades de ativismo fora do prédio (por exemplo, a Marcha Contra a Homofobia e a Parada de Orgulho LGBT) e alguns encontros sociais depois das reuniões (em bares e restaurantes no mesmo bairro). Os dados principais analisados no trabalho foram gerados em três entrevistas individuais semi-estruturadas com ativistas que se identificam como mulheres bissexuais, chamadas aqui com os pseudônimos de “Olímpia”, “Nádia” e “Flávia”, contabilizando aproximadamente quatro horas e quinze minutos de gravação. Depois de explicar a pesquisa e pedir permissão para gravar, comecei as entrevistas pedindo para as ativistas me contarem suas histórias sobre o processo de “sair do armário”. Optei por começar as entrevistas desta maneira por três motivos: (1) porque é uma tática reconhecida, em pesquisas sobre gênero e sexualidade com

indivíduos que se identificam como homossexuais ou bissexuais, para “quebrar o gelo”, (2) porque histórias do processo de sair do armário tendem a ser fontes ricas de narrativas e construções identitárias performativo-discursivas e (3) para contribuir para a visibilização das histórias sobre bissexualidades. Além dessa pergunta inicial, eu preparei perguntas sobre como a participação no grupo LGBT tinha influenciado as vidas das ativistas e sobre experiências de discriminação ou aceitação das suas performances identitárias bissexuais; porém, narrativas sobre esses temas frequentemente surgiram sem solicitação minha. Preparei poucas perguntas, preferindo dar às ativistas a máxima liberdade para responder e depois examinar quais temas elas tinham levantado nas suas narrativas.

Depois de realizadas, as entrevistas foram transcritas usando as convenções da Análise da Conversa (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989) – ver anexo com as convenções de transcrição ao final do artigo. As transcrições foram analisadas sob a ótica da Análise da Narrativa (LABOV e WALETSKY, 1967; BASTOS e BIAR, 2015), olhando em particular para as *táticas de intersubjetividade* (BUCHOLTZ e HALL, 2003, 2004, 2005) empregadas na construção das performances identitárias das ativistas bissexuais e de seus discursos de resistência a preconceitos bifóbicos. O conjunto das táticas de intersubjetividade, que serve para o/a pesquisador/a no campo da Linguística *Queer* examinar como a identidade é coconstruída performativamente nas interações através de recursos simbólicos como a linguagem, é composto de três pares de táticas: adequação e distinção, autenticação e desnaturalização, autorização e deslegitimação. A *adequação* é a tática de deixar de lado as diferenças e acrescentar as semelhanças e é usada frequentemente como a base de organização política e/ou ativismo. A *distinção* é a tática contrária, de acrescentar as diferenças e suprimir as semelhanças, permitindo a construção da diferença e da alteridade. A tática de *autenticação* exige a construção de uma identidade acreditável, “real” ou “genuína”, enquanto a *desnaturalização* é a produção intencional de uma identidade inacreditável, “irreal” ou “não-genuína” (o que não quer dizer que existam identidades essencialmente reais/verdadeiras ou irreais/falsas, mas que existem processos de construção que procuram produzir identidades assim consideradas no senso comum). No último par, a *autorização* é a legitimação de uma identidade através de uma instituição ou autoridade e suas estruturas de poder e ideologias, dando certo grau de reconhecimento ao sujeito. A *deslegitimação* acontece, inversamente, quando uma autoridade é usada para eliminar ou negar a legitimidade de uma identidade, e então, o seu poder, marginalizando e/ou censurando o sujeito.

Resultados e Discussão

As histórias de sair do armário enquanto bissexuais das três ativistas eram compostas por várias narrativas de graus diferentes de complexidade, refletindo o fato de que sair do armário é um processo sempre inacabado e não algo que se faz uma vez só (ver SEDGWICK, 1990; HALPERIN, 1995; LIANG, 1997; WOOD, 1997; MORRISH e SAUNTON, 2007; CHAMBERS, 2009), por causa da heterossexualidade presumida que opera na sociedade atual e a homossexualidade presumida que opera nos âmbitos LGBT. Em relação aos estereótipos, preconceitos e discriminações contra as performances identitárias bissexuais, as ativistas tendiam a falar em termos gerais sobre essas experiências ou de contar narrativas não-canônicas, particularmente descrições de situações hipotéticas baseadas em experiências passadas. Os preconceitos mencionados com mais frequência nas entrevistas entram em duas categorias principais: (1) o apagamento da bissexualidade, incluindo a negação completa da existência da bissexualidade, a insistência em classificar os indivíduos ou como heterossexuais ou como homossexuais e a ideia que a bissexualidade é somente uma fase transitória, e (2) a super-sexualização das pessoas que se identificam como bissexuais, incluindo a suposta necessidade de relações com homens e mulheres para a satisfação sexual, promiscuidade, infidelidade inevitável e necessidade do falo da parte das mulheres que se identificam como bissexuais. Essas duas categorias de preconceitos tendiam a influenciar as performances narrativas das ativistas, que usavam uma variedade de táticas discursivas para combater os estereótipos.

Nas narrativas sobre o processo de sair do armário, as três ativistas tendiam a construir suas bissexualidades como algo duradouro e estável. Isso que pode ser visto como uma resposta às deslegitimações das suas performances identitárias pertencentes à primeira categoria mencionada acima – a negação da existência da bissexualidade e a noção que a bissexualidade é somente uma fase transitória. Veremos, a seguir, trechos das narrativas das três ativistas (para melhor compreender os símbolos usados, ver anexo com as convenções de transcrição ao final do artigo).

Trecho 1: Nádia

0034	Nádia	Né? ... <u>Qua</u> :ndo eu senti vontade pela primeira ve:z de ficar com
0035		uma menina (.) tinha <u>doze</u> anos. E foi muito engraça:do porque assim, .h
0036		eh:: eu tava me arruma:ndo, >tipo< eu já tinha um <u>círculo</u> >zinho
0037		de amizade na es<co::la, já meio:: assim, <u>desvirtuo::</u> so né?
0038	Eli	hh
0039	Nádia	Vamo colocá-la assim. E:: aí >eu tava me arrumando para <u>au:la</u> <,
0040		e: a >televisão tava ligada< na MTV::, eu tava vendo algumas coisas

0041		aleató::rias, não tava me ligando muito, que eu tava, me aprontando para sair. E aí em um desses (.) programas teve uma cena de um beijo de duas meninas dentro de uma piscina. E aquilo me chamou a atenção:[assim]
0042		
0043		
0044	Eli	[Mm hm]
0045	Nádia	Sabe? Eu pare::i, eu fiquei olha::ndo, achei lega::l, >achei interessante< mas assim nada (.) nada claro na minha cabeça. Né?
0046		
0047		Isso foi, pensar depois. Então eu saí de ca:sa com aquela sensação:: (.) enfi:m (.) >e esse mesmo dia dei um beijo numa amiga minha<.
0048		

Trecho 2: Flávia

0032	Flávia	Ah assim, na verdade, é... na minha infância eu nunca vi muito isso, era muito mais escondido, assim... O público, eh as lé::sbicas e, os ga::ys, eles apareceram (.) mais dentro do armá::rio, não se assumiram.
0033		
0034		
0035		Até um dia que >tinha< eu tenho um primo que ele se assumiu ga::y,
0036		e aí a minha família TO-DA °>tipo< ()° repudiou ele.
0037	Eli	Sim
0038	Flávia	E aí eu fiquei: com aquela coisa meio na minha cabeça, sabe?
0039		E aí eu tinha uma ami::ga e todos os dias a gente brinca::va...
0040		e aí bri- minha mãe viajou:, ela foi para minha casa e a gente brincou,
0041		() de se conhecer, e eu não sei nem se naquela ho- naquela ho:ra,
0042		que eu tava me conhecendo, gostando de meni:na, ou se me conhecendo,
0043		tem essa coisa de
0044	Eli	Sim
0045	Flávia	sabe? de adolescente, a curiosidade... de se conhecer. Sabe?
0046		E aí eu gostei:, mas aí, >a minha família <u>todo</u> era Testemunha de Jeová<.

Trecho 3: Olímpia

0003	Olímpia	Ah eu na verda::de, na verdade não tive uma histó::ria de °sair do armário°. Porque é assim, minha família sempre foi muito:: (.) <aparentemente liberal>, cê sabe. Aí (.) eu fui cresce:ndo né, não sei o quê:: e... gostava de meni::no... e aí eu >olhava para as< meni::nas (.)>mas continuava ficando com os meninos e continuava olhando para as meninas<. E eu desde muito pequena eu não fui a mais feminina mais delicada mais que gosta de Ba::rbie a mais... a mais padrão feminino. Nunca fui assim. E aí eu: (.)↑eu, foi foi bem natural assim, foi natural (2.0) Fiquei com: u:ma menina no colégio, >tipo sei lá na sexta sé:rie<.
0004		
0005		
0006		
0007		
0008		
0009		
0010		
0011		
0134	Olímpia	/.../>Eu nunca transei com uma menina<. Mas (.) é é assim, eu nunca tive uma relação com uma menina, nunca fiquei >uma semana com uma menina. Eu beijei essa meni::na<. E e depois eu reparei que eu gosto de menina, é o o olho, é uma coisa que me atrai, eu desenho nu feminino. É uma coisa >que tá dentro de mim<. Mas aí eu tou >como um exemplo os meus amigos ficam falando< < “Ah, você::, você acha que você é. > É, você é ()” e não sei o que. Cara (.) um menino, ninguém precisa dizer para ele, se ele é heterossexual. Ninguém precisa dizer para ele que ele é heterossexual e ele não precisa transar com uma mulher para ele saber que ele é heterossexual. /.../
0135		
0136		
0137		
0138		
0139		
0140		
0141		
0142		
0143		

Vai além do escopo do presente trabalho fazer uma análise detalhada de todos os aspectos das narrativas; portanto, focaremos no fato das três ativistas construírem suas bissexualidades como duradouras e estáveis através do uso das táticas de intersubjetividade (BUCHOLTZ e HALL, 2003, 2004, 2005) de *autenticação* (a construção de uma identidade “real” e “genuína”) e *autorização* (a legitimação através de uma instituição, autoridade ou experiência) em depoimentos sobre experiências de sentir desejo por meninas, beijar meninas e/ou ter experiências sexuais com meninas desde a infância ou o início da adolescência, sempre avaliando positivamente essas experiências. Olímpia, a única ativista que não tinha tido relações afetivo-sexuais com uma menina, enfatizou explicitamente a importância de sentir desejo por meninas desde a infância, enquanto Nádia e Flávia, ao longo das entrevistas (e em trechos não incluídos acima por questões de brevidade), se concentravam mais sobre a estabilidade da afetividade e do desejo por homens e mulheres desde as primeiras experiências sexuais e/ou afetivas com mulheres.

As ativistas sentiam que deviam provar que suas performances identitárias bissexuais não eram “só uma fase” e que a bissexualidade “realmente existe” para serem aceitas, mas assim reforçavam a ideia de identidades fixas e estáveis que são expressões de uma essência bissexual interior. Olímpia, porém, conseguiu lidar com o apagamento da bissexualidade sem reforçar discursos essencializantes através da identificação e crítica de um padrão duplo: as pessoas que se identificam como heterossexuais (ou homossexuais) não tem que justificar suas performances identitárias, mas as pessoas que se identificam como bissexuais devem “provar sua bissexualidade”. Através desse depoimento, que envolveu a tática de *adequação*, acrescentando as semelhanças (que deveriam haver) entre um indivíduo ser aceito como heterossexual (ou homossexual) e ser aceito como bissexual, Olímpia conseguiu defender as performances identitárias bissexuais sem reforçar discursos normativo-essencialistas.

Para responder aos preconceitos super-sexualizantes da segunda categoria mencionada acima, particularmente a ideia que indivíduos que se identificam como bissexuais são pessoas promíscuas e infiéis que precisam constantemente de relações com homens e mulheres para ficarem sexualmente satisfeitas, as ativistas tendiam a usar as táticas de *autenticação* e *autorização* para construir performances identitárias de bissexuais “sérias”, “monógamas” e/ou “seletivas”, insistindo na satisfação sexual com somente um/a parceiro/a e com “só um dos gêneros”.

Trecho 4: Flávia

0412	Flávia	“Gosto de relação com homem e com mulher, numa boa.
0413		N- não saí- não deixei de sair com homem para sair com mulher
0414		e perdi o contato de sair com eles.”
0415	Eli	Mm
0416	Flávia	Mas é claro que seleciono (.) não é qualquer um.
0417	Eli	Claro
0418	Flávia	Sabe? Tanto as mulheres. Não tou com qualquer uma. Sabe? Eu seleciono
0419		<mui::to::> tipo... <mui::to::>. Sou muito seletiva sou muito estranha.

Trecho 5: Nádia

0935	Nádia	“Ah ô!” É aquela piadinha que eu falei ontem. Tipo assim, rola uma piada
0936		entre as lésbicas que é: “Ah:: não se mete com bissexual não. Bissexual...
0937		cê tem cem por cento de chance de sê- sê- ser traída!” Sabe?
0938		E você fica ouvi::ndo essas coisas e “EI! Como assim?
0939		Então, (.) qu- a SUA <sexualida:de>, >não define seu caráter<,
0940		mas a MINHA >define o meu<”, né?
0941	Eli	Mm
0942	Nádia	Então assim então “você é lé:sbica, mas pô você não é pedó:fila
0943		por causa di::sso”, sa:be? “Você:: (.) não é tara::da!
0944		Você é lé:sbica você quer respei::to, eu também”, sabe.
0945		Não sou ninfomaNÍ::aca, eu sou Bissexua:l, hh sabe.
0946		Não vou >estar sempre traindo as< pesso::as, >não é que tou com mulher
0947		vou trair com homem tou com homem vou trair com mulher<.
0948		Esses jo:gui:nhos são muito imaginá:rios, as pessoas assim que acontecem,
0949		porque não é assim na prática. /.../

Flávia sublinhava o fato de ser “muito seletiva”, assim combatendo o estereótipo das pessoas que se identificam como bissexuais serem indivíduos promíscuos que querem “pegar todo mundo”. Nádia insistia em construir uma performance identitária de bissexual monógama, falando não somente sobre sua própria performance identitária, mas, em outros momentos da entrevista, generalizando sobre todas as pessoas que se identificam como bissexuais. Dessa maneira, elas conseguiram combater preconceitos sobre a suposta promiscuidade e necessidade de relações com homens e mulheres para a satisfação sexual; porém, também excluíram outras possibilidades da diversidade sexual. Primeiro, tendiam a não contemplar a existência de outras performances de gênero para além do binário (cissexual) homem/mulher e, segundo, não mencionaram a possibilidade de haver pessoas que se identificam como bissexuais que de fato preferem não ter relacionamentos monogâmicos. No entanto, esses depoimentos focados na monogamia também podem ser vistos como uma estratégia política para combater certos preconceitos, visto que Nádia, por exemplo, insistiu na monogamia durante a gravação, mas tinha uma relação aberta nas suas

práticas fora do âmbito da entrevista (o que foi observado e conversado com ela durante o campo etnográfico).

Porém, ao insistirem que não são promíscuas e que são capazes de ter – e até preferem ter – relacionamentos monogâmicos, embora as ativistas conseguíssem combater os estereótipos supersexualizantes, acabaram por sofrer novamente o apagamento da bissexualidade. As ativistas notaram a propensão de outros membros do grupo LGBT a tentarem classificá-las ou como heterossexuais ou como homossexuais, com base no gênero do/a seu/sua namorado/a atual, negando novamente a existência da bissexualidade.

Trecho 6: Olímpia

0226	Olímpia	e eu voltei com o ex-namorado meu de muito tempo.
0227		E começaram a “Ai, você não pode ficar com esse cara, tá virando hétero”
0228		e eu “tó namorando ele, tenho que falar dele, não posso falar, sei lá,
0229		da Elizabeth. Vou falar de quem?” Sabe? E aí “Ai que nojo, fica falando de
0230		cara de homem o tempo todo” não sei o que. Hh. Era brincadeira, sabe?
0231		Mas brincadeira que a gente sabe que é:: é real.
0232	Eli	E se você “Ah, não, estou saindo com a:: a Julia”,
0233		é “A::h, me fale da Julia” não sei
0234	Olímpia	Pois isso é. É estranho. As pessoas ficam... ficam do lado contrário sabe?
0235		Não oprimem tanto mas, ficam... (cutucando) “Ah uhu ah uhu ah”
0236		Coisas estranhas. Eu acho mais estranho do que sei lá,
0237		que qualquer outra coisa. (2.0)

Trecho 7: Nádia

0533	Nádia	Ma:s é aquilo, quando você vai: até mesmo São Paulo, no seminá::rio,
0534		tinha muitas lé:sbicas, que era todo o movimento femini::sta, e aí quando
0535		você chega e fala, que é assim, a priori vão pensar que você é lésbica,
0536	Eli	Sim
0537	Nádia	porque você tem uma relação com uma mulher,
0538		a bolsinha do Laços e Acasos com as bonequinhas ju::ntas... brincadei::ra
0539		“Ah quero beijar na bo::ca” não sei o que dadada “OK, ela é lésbica”.
0540		E aí no meio do gru::po, <chego e falo>.
0541		Não vou me deixar pa- passar por uma coisa que eu não sou.
0542		>Até porque não quero que< lá na fre::nte,
0543		caso me envolver com homem, ser cobra::da,
0544	Eli	Mm
0545	Nádia	que atrás “Ah porque você falou que você era LÉSBica,
0546		que lésbica é E::ssa. Que militância é E::ssa?!”
0547		>E ainda faço questão de deixar bem cla::ro qual é a minha orientação<,
0548		“Eu sou bissexual”, sabe? Eu posso brincar aqui que eu sou lésbica,
0549		brincar com os meninos “Eu esTOU lésbica”, entendeu?
0550		mas eu SOU <bissexual>, de fa:to, entendeu? N- eu gosto de deixar isso
0551		cla:ro para não (.) no futuro não ser questionada, né?

0552	Eli	Sim
0553	Nádia	A minha credibilidade, a minha pala::vra, né?

Nos trechos acima, Olímpia e Nádia observaram a tendência de as pessoas que se identificam como bissexuais serem classificadas como homossexuais quando em relações com pessoas do “mesmo” sexo/gênero e como heterossexuais quando em relações com pessoas do sexo/gênero “oposto”. Nádia comentou também o fenômeno da homossexualidade presumida que opera dentro do movimento LGBT, e explicou que insiste em se assumir publicamente como bissexual para evitar ser classificada como lésbica. Nádia usa esta estratégia também para combater o preconceito da “desconfiabilidade” das pessoas que se identificam como bissexuais: em uma relação circular, as pessoas que se identificam como bissexuais frequentemente se deixam passar por homossexuais no movimento LGBT para evitar discriminações, porém, ao se assumirem ou serem “reveladas” como bissexuais mais tarde, aumenta-se a tendência de desconfiar delas e discriminá-las. Nádia não problematizou, porém, que o fato de sair do armário assim não seja necessariamente transformativo em si mesmo e que a identidade declarada publicamente não é sem ambiguidade (SULLIVAN, 2003), particularmente na interpretação de ativistas que não entendem as bissexualidades ou não acreditam mesmo na sua “existência”.

Conclusões

A análise mostra que as ativistas bissexuais encontram-se em uma situação paradoxal e um ciclo vicioso de apagamento e super-sexualização da bissexualidade. Por um lado, devem provar que gostam de meninos e meninas ao longo da vida, desde a infância, para evitar o apagamento da bissexualidade sob acusações de ela ser “só uma fase” (o que também resulta no reforço da ideia de identidades estáveis e inatas). Por outro lado, a insistência em sempre sentir desejo por homens e mulheres alimenta o estereótipo da promiscuidade e da suposta “necessidade” de sempre ter relações sexuais com “ambos” os gêneros. Para combater esse estereótipo, as ativistas insistem na capacidade de ter relacionamentos monogâmicos (o que também reforça a monogamia como a norma aceitável). A insistência nos relacionamentos monogâmicos, porém, leva as ativistas bissexuais a serem classificadas, pelos membros do grupo LGBT, como lésbicas ou heterossexuais, dependendo do gênero do/a seu/sua parceiro/a atual. Essa classificação binária heterossexual/homossexual, por sua vez, resulta novamente no apagamento da bissexualidade. Em outras palavras, as ativistas encontram-se em uma rua sem saída, ou, melhor, um ciclo vicioso e paradoxal: (1) se não insistem que sempre sentiram desejo por “ambos” os gêneros desde a infância,

não são reconhecidas como bissexuais; (2) porém, ao insistir nisso, são super-sexualizadas e chamadas de promíscuas; (3) se, para combater isso, insistem que são monogâmicas, são rotuladas de lésbicas ou heterossexuais, apagando novamente a bissexualidade, e (4) o ciclo vicioso e paradoxal de apagamento e super-sexualização da bissexualidade recomeça. É importante ressaltar que optei por colocar os passos do ciclo de apagamento e super-sexualização nessa ordem em parte para facilitar a visualização do processo e em parte porque as narrativas das três ativistas entrevistadas geralmente começavam com recusas à ideia da não-existência da bissexualidade. Porém, na verdade, os dois processos – apagamento e super-sexualização – se retroalimentam constantemente, sem um ponto de partida fixa e facilmente identificável. Espera-se que a identificação e a visibilização desse ciclo vicioso e paradoxal possam contribuir, no ativismo LGBT e no âmbito acadêmico, para criar uma vida mais vivível não somente para os/as ativistas que se identificam como bissexuais, mas também para qualquer ativista que faça performances de sexualidade que não se encaixem nitidamente dentro das categorias identitárias binárias prevalentes.

Referências

- ANGELIDES, Steven. **A History of Bisexuality**. Chicago: University of Chicago Press, 2001.
- BAKER, Paul. **Sexed Texts: Language, Gender and Sexuality**. Londres: Equinox, 2008.
- BASTOS, Liliana Cabral e BIAR, Liana Andrade de. “Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social”. **D.E.L.T.A.**, 31-especial, 2015, p. 97-126.
- BORBA, Rodrigo. “Linguística *queer*: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem”. **Revista Entrelinhas**, Vol. 9, n. 1, jan/jun 2015, p. 91-107.
- BUCHOLTZ, Mary e HALL, Kira. “Language and Identity”. In: DURANTI, A. (org), **A Companion to Linguistic Anthropology**. Oxford: Basil Blackwell, 2003, p. 268-294.
- _____. “Theorizing identity in language and sexuality research”. **Language in Society**, Vol. 33, 2004, p. 469-515.
- _____. “Identity and Interaction: A Sociocultural Linguistic Approach”. **Discourse Studies**, Vol. 7, No. 4-5, 2005, p. 585-614.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1990] 2003.
- _____. **Bodies That Matter: On the Discursive Limits of “Sex”**. Routledge: Nova York e Londres, 1993.
- CHAMBERS, Samuel A. **The Queer Politics of Television**. Londres: I.B. Tauris, 2009.
- HALPERIN, David. **Saint Foucault: Towards a Gay Hagiography**. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- LABOV, William e WALETZKY, Joshua. “Narrative Analysis: oral versions of personal experience”. In: HELM, J. (org). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967.
- LIANG, A.C. “The Creation of Coherence in Coming-Out Stories”. In: LIVIA, A. e HALL, K. (orgs). **Queerly Phrased: Language, Gender and Sexuality**. Oxford e Nova Iorque: Oxford University Press, 1997, p. 287-309.
- LIVIA, Anna e HALL, Kira (orgs). **Queerly Phrased: Language, Gender and Sexuality**. Oxford e Nova Iorque: Oxford University Press, 1997.

- LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org). **Por uma lingüística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006.
- MORRISH, Liz e SAUNTON, Helen. **New Perspectives on Language and Sexual Identity.** Palgrave MacMillan: Hampshire e Nova Iorque, 2007.
- SACKS, Harvey, SCHEGLOFF, Emanuel A. e JEFFERSON, Gail. “A Simplest Systematics for the Organization of Turn-taking in Conversation”. **Language**, Vol. 50, 1974, p. 696-735.
- SCHIFFRIN, Deborah. “Intonation and transcription conventions”. In: SCHIFFRIN, D. **Discourse markers.** Cambridge: Cambridge University Press, 1987, p. ix-x.
- SEDGWICK, Eve. **Epistemology of the Closet.** Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1990.
- SULLIVAN, Nikki. **A Critical Introduction to Queer Theory.** Nova Iorque: New York University Press, 2003.
- TANNEN, Deborah. “Appendix II. Transcription conventions”. In: TANNEN, D. **Talking voices: Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse.** Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 202-203.
- WOOD, Kathleen M. “Narrative Iconicity in Electronic-Mail Lesbian Coming-Out Stories”. In: LIVIA, A. e HALL, K. (orgs). **Queerly Phrased: Language, Gender and Sexuality.** Oxford e Nova Iorque: Oxford University Press, 1997, p. 257-273.

Anexo: Convenções de transcrição

(1.0)	pausa medida (de um segundo ou mais)
...	pausa não medida, longa (mas de menos de um segundo)
(.)	pausa não medida, breve
.	entonação descendente ou final de elocução
?	entonação ascendente
,	entonação de continuidade
-	parada súbita
<u>sublinhado</u>	ênfase
MAIÚSCULA	fala em voz alta ou muita ênfase
↑	subida de entonação
↓	descida de entonação
°palavra°	fala em voz baixa
>palavra<	fala mais rápida ou acelerada
<palavra>	fala mais lenta
: ou ::	alongamentos
[]	sobreposição de falas
()	fala não compreendida
(palavra)	fala duvidosa
/.../	indicação de transcrição parcial ou de eliminação
“palavra”	fala relatada
hh	aspiração ou riso